



ATLETAS OLÍMPICOS, UMA COMUNIDADE COM SEU PRÓPRIO TEMPO

Resumo - A construção de uma carreira atlética é permeada por diversos fatores. A realização dos Jogos Olímpicos a cada quatro anos faz com que este período seja marcante para os atletas. Seja em modalidades coletivas ou individuais, a participação em grandes eventos sempre passa pela construção do sentimento de pertencimento a um grupo – outros atletas e membros de comissões técnicas que são consórcios e contemporâneos. Este artigo tem como objetivo analisar a trajetória de três atletas olímpicos brasileiros, dois de uma modalidade coletiva, e um de uma modalidade individual, para compreender as construções dos conceitos de tempo e o pertencimento a uma comunidade específica dentro do meio esportivo; por meio da metodologia das narrativas biográficas. Como conclusão, podemos perceber que, muito além do tempo linear, a carreira atlética é construída em um formato cíclico. Além disso, a construção do pertencimento a grupos é realizada com base não apenas nos momentos de competição, mas no compartilhamento de instantes significativos para os atletas em outros tempos, como durante os treinos, viagens e compartilhamento de vivências em equipe.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; carreira atlética; pertencimento; temporalidade; Narrativas Biográficas.

OLYMPIC ATHLETES, A COMMUNITY WITH ITS OWN TIME

Abstract - The construction of an athletic career is shaped by various factors. The Olympic Games, held every four years, create a significant time marker for athletes. Whether in team or individual sports, participation in major events is often intertwined with the development of a sense of belonging to a group—other athletes and members of coaching staffs who are peers and contemporaries. This article aims to analyze the trajectories of three Brazilian Olympic athletes—two from a team sport and one from an individual sport—in order to understand how the concepts of time and belonging to a specific community within the sports environment are constructed, using the methodology of biographical narratives. As a conclusion, we observe that, far beyond a linear timeline, an athletic career is built in a cyclical format. Furthermore, the sense of belonging to groups is formed not only during moments of competition, but also through the sharing of meaningful experiences at other times, such as during training, travel, and team bonding moments.

Keywords: Olympic Games; athletic career; belonging; temporality; Biographical Narratives.

ATLETAS OLÍMPICOS, UNA COMUNIDAD CON SU PROPIO TIEMPO

Resumen - La construcción de una carrera atlética está atravesada por diversos factores. La realización de los Juegos Olímpicos cada cuatro años convierte este período de tiempo en un hito importante para los atletas. Ya sea en disciplinas colectivas o individuales, la participación en grandes eventos siempre implica la construcción de un sentimiento de pertenencia a un grupo —otros atletas y miembros de los cuerpos técnicos que son contemporáneos y compañeros de trayectoria—. Este artículo tiene como objetivo analizar la trayectoria de tres atletas olímpicos brasileños, dos de una modalidad colectiva y uno de una modalidad individual, para comprender cómo se construyen los conceptos de tiempo y pertenencia a una comunidad específica dentro del ámbito deportivo, utilizando la metodología de narrativas biográficas. Como conclusión, se observa que, más allá del tiempo lineal, la carrera atlética se construye en un formato cíclico. Además, la construcción del sentido de pertenencia a los grupos no se da solamente en los momentos de competencia, sino también en el compartir de instantes significativos para los atletas en otros momentos, como durante los entrenamientos, los viajes y la convivencia en equipo.

Palabras-clave: Juegos Olímpicos; carrera atlética; pertenencia; temporalidad; Narrativas Biográficas.

*William Douglas
Almeida*

*jornalismo_william@
yahoo.com.br*

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v9.id217](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v9.id217)*

Recebido: 02 jul 2025

Aceito: 15 out 2025

Publicado: 26 nov 2025



Introdução – Os ciclos e os grupos na carreira atlética

Mais que uma simples medida, o tempo é um conceito que pode ser vivenciado e estudado de diversas maneiras. Por critérios didáticos e para melhor compreensão, muitas vezes somos tentados a compreender a ‘passagem’ de minutos, dias, meses e anos como um contínuo. No meio esportivo, o tempo é muitas vezes o conceito determinante para saber quem é o vencedor das disputas, afinal, compreender quem executa uma tarefa em um menor intervalo de tempo possível é um dos principais parâmetros para a definição de vencedores – as láureas vão para o mais rápido.

Entretanto, as marcas para a medição do tempo não são únicas e, muitas vezes, acabam sendo atravessadas por conjunturas subjetivas. Um dos exemplos mais claros sobre isso é a formação de ciclos, fazendo com que o tempo não ganhe uma dimensão linear, mas circular para aqueles que vivem do esporte. Em um caráter singular, a medida de tempo para um atleta que se prepara para um evento como os Jogos Olímpicos é medida em períodos de quatro anos. Tal íterim, porém, não ocorre em suspensão das demais atividades vitais. Muito além de treinar, competir e se preparar, durante um ciclo olímpico o atleta continua a ter sua vida. Amadurece, envelhece, encontra novos companheiros e vê outros partirem. A passagem do tempo, em uma carreira marcada pela brevidade, é muitas vezes vista como um adversário a ser superado, após um breve período no qual o ápice físico é conquistado, mas que muitas vezes, em virtude de uma série de fatores, leva o atleta a não conseguir o desempenho desejado naquele momento chave.

Um homem não pode se banhar duas vezes no mesmo rio, conforme nos explicou Heráclito. Porém, conhecer as margens e o curso d’água, mesmo que seja outra água, pode ser uma chave importante para a tomada de decisões em momentos importantes. A experiência e o senso de pertencimento a um grupo são diferenciais fundamentais no momento da construção de uma equipe olímpica.

O método – escuta atenta e análise com critérios

Este texto traz como objetivo analisar a trajetória de três atletas olímpicos brasileiros, dois de uma modalidade coletiva, e um de uma modalidade individual, a partir da construção dos conceitos de tempo e o pertencimento a uma comunidade específica

dentro do meio esportivo, principalmente visando a participação em uma edição olímpica. Para tanto, nos baseamos na metodologia das narrativas biográficas.

A metodologia das narrativas biográficas foi desenvolvida e trabalhada por membros do Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO/USP), tendo resultado em diversos artigos. Utilizando tal metodologia, Rubio e Veloso¹ debateram a construção do imaginário heroico de atletas olímpicas brasileiras, além de discorrerem sobre a formação do imaginário noturno dos atletas olímpicos do país². Ferreira Júnior e Rubio³, seguindo o mesmo procedimento, abordaram a transição de carreira de atletas olímpicas brasileiras, já Almeida e Rubio⁴ discorreram sobre atletas que nasceram na Argentina e superaram o discurso de rivalidade para representar o Brasil em edições olímpicas. A mesma abordagem metodológica deu suporte à dissertação de Amato⁵, na qual é abordado o momento no qual mulheres atletas deixam a casa dos pais para competirem; e por Fetter⁶, que aborda a ausência de mulheres como treinadoras de voleibol. As narrativas biográficas também estão presentes em teses, como a de Almeida⁷, sobre os migrantes internacionais no esporte olímpico brasileiro; Tonon⁸ que abordou a relação de atletas que transitaram pelos movimentos olímpico e paralímpico e Zimmermann⁹, que aborda o papel de professores na formação de atletas olímpicos brasileiros. Detalhes sobre a construção do método, seus usos e desafios foram abordados por Rubio em três obras específicas^{10, 11, 12}. A maior parte destes trabalhos, inclusive este artigo, são frutos do banco de dados composto com a realização da pesquisa ‘Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros’.

Em mais de duas décadas, a pesquisa passou por uma série de transformações. Mais de 1,2 mil entrevistas com atletas olímpicos brasileiros foram realizados pelos membros do grupo, todas iniciadas com um mesmo pedido inicial: Conte sua história de vida. Inicialmente, o referencial teórico adotado aproximava-se dos estudos com a história oral, porém, com o amadurecimento do projeto, pode-se perceber certas nuances, que caminharam inicialmente para uma discussão sobre as histórias de vida até que, enfim, chegou-se ao conceito das narrativas biográficas.¹¹

Mais que uma simples técnica a ser replicada, a adoção das narrativas é algo que exige dos pesquisadores uma postura que desafia o cientificismo tradicional, conforme pontuam Gonçalves, Oliveira e Mehy¹³, que analisam da seguinte maneira a evolução da pesquisa.

Com sensibilidade, a condução dos critérios operatórios da investigação ia se impondo, exigindo diferenciações entre o trabalho de produção documental – comprometido com supostas verdades objetivas – e a aceitação do modo narrativo – atento ao entendimento dos anseios, cobiças, e dos impulsos subjetivos transparecidos na narrativa. Tal deslocamento transformou o papel da coleta de histórias que, então, teria superado o propósito inicial que prezava a recolha de dados e informações práticas e exatas (p.188).

Com respeito às falas dos sujeitos, sem transformá-los apenas em números ou meros ‘fornecedores’ de dados, o trabalho com narrativas exige dos pesquisadores uma postura ampla, que desafia o fazer científico cartesiano, tal como define Rubio¹¹.

É possível se ter cada vez mais tranquilidade para assumir que ouvir e contar histórias não é menos acadêmico, ou científico, do que qualquer outra forma de produzir conhecimento. O que muda é a forma de olhar para o mundo, para as pessoas e para o próprio texto que brota dos encontros com seres que nos tornam mais humanos (p.15).

Com uma gama de dados ampla, o trabalho com narrativas biográficas não se encerra no momento da entrevista. Em termos de procedimento, a maioria dos registros foi realizada com gravação em áudio e vídeo, mas alguns foram captados apenas em áudio. Ainda antes do desenvolvimento de programas de inteligência artificial, o processo de transcrição das entrevistas ocorreu de maneira manual, e nem sempre foi realizado pelo mesmo pesquisador responsável por conduzir a entrevista, adicionando-se assim mais um pesquisador ao processo de construção do texto, uma vez que o vídeo e o texto escrito, por mais que seja uma transcrição, têm características que se diferenciam. Eventualmente, material publicado em meios de comunicação também foi utilizado como um recurso adicional, para ajudar a dirimir dúvidas ou complementar dados apresentados pelos entrevistados. Conforme detalhado por Almeida⁷, este é um recurso que, utilizado de maneira complementar e criteriosamente, pode ajudar na compreensão de narrativas.

A troca de ideias entre membros do grupo de estudos, que participaram de diversas etapas do processo de pesquisa, era constante, o que ajudou a encontrar proximidades e distanciamentos em discursos de atletas. A partir daí, a seleção de quais histórias podem compor, ou não um artigo, tese ou documento acadêmico passa a ser realizada não como um simples ‘pinçamento’ de falas, ou uso dos atletas como ‘personagens’ que compõe um enredo já contado, mas como protagonistas da criação da história olímpica brasileira.

O objetivo não é a busca pela construção de uma história única e definitiva, mas sim o resgate da memória. Tal proposta abrange discursos que se complementam, mas também há narrativas que se contradizem, confirmam e outras que até confrontam documentos oficiais. Veyne¹⁴ explica que mesmo vivendo um mesmo momento, é natural que as narrativas tragam dados distintos por uma série de fatores: seja a posição que os sujeitos ocupavam, as consequências de cada acontecimento ou mesmo a capacidade de fazer uma leitura do momento vivido. Seguindo o raciocínio do autor, o que buscamos não é construir uma versão final sobre a história da participação olímpica dos brasileiros, mas resgatar especificidades, compreendendo os caminhos que os levaram aos Jogos e fatores individuais.

O tempo, elemento em discussão nas falas dos sujeitos apresentados neste artigo, é algo que permeia toda pesquisa baseada em narrativas biográficas, afinal, Rubio conceitua¹⁰

Diante das várias considerações feitas sobre o tempo e seu significado subjetivo e social, é possível, então, reconhecer a dimensão que o relato de história de vida adquire tanto para o narrador como para o pesquisador. Passível de ser analisada numa perspectiva linear ou cíclica, dela se podem extrair elementos históricos coletivos, mas também individuais, capazes de compor uma cartografia do sujeito e do grupo ao qual ele pertence e das transformações significativas ocorridas ao longo dessa trajetória (p.118).

O desafio é encontrar a intersecção entre elementos individuais e os sociais, respeitando a individualidade e a essência do discurso de cada sujeito que colabora com a pesquisa, ao rememorar sua história de vida.

Duas histórias e várias gerações de uma modalidade coletiva

Após participar de uma edição dos Jogos, um atleta recebe um rótulo/sobrenome que o acompanhará para o resto da vida: olímpico. Conforme conceituado por Rubio¹⁵, não existe ex-atleta, mas sim pós-atleta. É possível ainda fazer uma analogia, observando o espaço olímpico de modo similar ao qual Geertz¹⁶ conceitua o espaço religioso. Mesmo que o resultado obtido durante a disputa não seja expressivo, a partir do instante em que ele participa dos Jogos ele passa a fazer parte da comunidade olímpica. Utilizando os conceitos de Schutz (apud Geertz)¹⁶ os participantes dos Jogos Olímpicos constroem uma rede de relacionamentos com outros atletas, que são seus consórcios, contemporâneos,

antecessores e predecessores. Na formação de equipes de modalidades coletivas, tal constatação fica ainda mais evidente e pode ser exemplificada.

Amauri Ribeiro foi atleta de vôlei e participou de quatro edições olímpicas: 1980, 1984, 1988 e 1992. Ao detalhar sua carreira esportiva, ele diz que conviveu com três diferentes gerações.

Eu peguei a minha primeira Seleção Brasileira, foi em 1976. Eu era juvenil, era da Seleção Juvenil e também fui convocado pra Seleção Adulta [...] ali jogava Moreno, jogava o pessoal da antiga, que foi a geração anterior a minha. Aí veio a Geração de Prata que é conhecida hoje [...] eu, Montanaro, Xandó, William, Renan, Bernard [...] E dessa geração eu fui o último a parar, tanto que eu consegui chegar ainda a nova geração que foi Barcelona. E aí eu já era o vovô (comunicação pessoal)¹⁷.

O divisor adotado por Amauri são as edições olímpicas, mas ele junta, em uma mesma geração, atletas que participaram dos Jogos de 1984 e 1988, ocasiões em que houve a repetição de muitos convocados. A fala de Amauri evidencia ainda que, apesar de ele fazer parte do time que foi aos Jogos de 1980, aquela não era a geração dele, mas sim uma anterior. E, nos Jogos de 1992, mesmo presente, ele se considera alguém que não pertencia mais àquela geração de atletas.

Podemos considerar que um mesmo time torna consórcios atletas de gerações diferentes. Isso ocorre, pois além de aspectos técnicos e táticos, há treinadores que levam em consideração elementos intangíveis, como a experiência ou a necessidade de renovação pensando no ciclo seguinte, como foi o caso do técnico José Roberto Guimarães com Amauri, em 1992.

Eu precisava de um remanescente daquela geração que servisse como exemplo e que também, tecnicamente, fosse um cara maduro, que ele fosse tecnicamente muito bom e que ele pudesse passar coisas importantes praquele grupo, porque ele tinha sofrido todos esses percalços com essa geração, mas era um cara extremamente voltado pro grupo, sempre foi! (comunicação pessoal)¹⁷

Amauri era o jogador mais velho, com 33 anos – já entre os mais jovens, um dos destaques da equipe era Giovane Gávio, então com 21 anos, que participava da primeira edição olímpica. Com média de idade de 24 anos, aquela equipe conquistou a primeira medalha de ouro da história das modalidades coletivas do Brasil em Jogos Olímpicos.

Como recompensa pelo feito, Amauri ganhou o direito de ser o porta-bandeira do Brasil na cerimônia de encerramento dos Jogos. Inicialmente, a honraria caberia a Carlão, capitão da equipe campeã, mas segundo Amauri, um pedido dos atletas definiu que caberia a ele tal condução: “Foi feito ali na hora, um movimento. Quem vai levar é o Amauri e foi muito legal. (comunicação pessoal)¹⁸”.

Quatro anos depois, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, Giovane foi convocado novamente. Aos 25 anos, era um dos principais nomes da equipe que acabou eliminada nas quartas de final, frustrando a expectativa de um novo pódio. A derrota marcou o jogador, que decidiu, então, trocar o vôlei de quadra pelo vôlei de praia, fazendo o novo ciclo olímpico na nova modalidade. Todavia, em 2000, às vésperas dos Jogos, Giovane não havia conseguido o índice técnico para chegar aos Jogos no vôlei de praia. Mesmo afastado das quadras, recebeu o convite para retornar à seleção brasileira, participando dos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000. Apesar do passado vitorioso, sentiu que não foi bem aceito no grupo.

Foi uma forma muito estranha. Nós não tínhamos direito de estar naquela seleção brasileira. Nós fomos colocados naquela seleção brasileira, em função do que nós éramos no passado [...] eu acho que o grupo que vinha treinando nesses quatro anos, eles não entenderam, não aceitaram de uma forma muito boa, e nós tivemos muitas dificuldades assim, de rejeição (comunicação pessoal)¹⁸

Novamente o Brasil foi eliminado nas quartas de final. E, apesar dos problemas vivenciados, Giovane decidiu não desistir – mas a postura para o ciclo olímpico foi diferente. Após uma conversa com o novo técnico da seleção Bernardo Rezende, o Bernardinho, ele se colocou à disposição para representar o time, mas disse que aceitaria ser convocado se pudesse contribuir com a condição física e técnica atual, não apenas pelo passado vitorioso. O técnico apostou no jogador, que apesar da experiência e de ser um campeão olímpico aceitou a condição de reserva. Passou a exercer funções simples, mas que o aproximaram dos demais atletas do grupo.

Eu comecei a aprender o outro lado, né. O lado de ficar de fora, na reserva, como que eu poderia ser útil. Em alguns momentos a minha era uma palavra, era um gesto, era dar um copo de água ou era abanar quando tava muito calor, mas era o que eu podia fazer. Então, mesmo as tarefas menores, pequenas, eu tinha que fazer com intensidade ou de

coração aberto, porque era aquilo que eu poderia fazer (comunicação pessoal)¹⁸.

Aliado às novas funções, Giovane mantinha a técnica apurada. Em 2003, após a contusão de um companheiro, recebeu a oportunidade no time principal e foi eleito o melhor atacante na Copa do Mundo. Mesmo se considerando como alguém de outra geração, o jogador estava integrado ao grupo – pertencia à equipe não apenas pelo passado e por condições externas, mas porque também reunia condições técnicas. Assim, foi um dos pilares da equipe campeã olímpica nos Jogos de Atenas, em 2004.

Conseguimos viver em 92, muita coisa, a gente não tinha noção do que a gente tava fazendo, tava, né, muito jovem e tal, em 2004 foi uma maravilha. Eu já tinha 34 anos de idade, já sabia tudo que ia acontecer, tudo que eu ia passar, as coisas boas, as coisas ruins, então, de uma certa forma, eu aproveitei muito aquele momento (comunicação pessoal)¹⁸.

Dialogando com a leitura feita por Ricoeur¹⁹, notamos que o conceito de sequência de gerações para os atletas tem um tempo próprio – baseado nas edições olímpicas, e não necessariamente ligado à idade dos atletas. Amauri em 1992 e Giovane em 2004 são conectores que trabalham como elementos importantes na sequência de gerações distintas.

Todavia, é importante retomarmos aqui a situação vivenciada por Giovane, que relata um problema de adaptação com a equipe que disputou os Jogos Olímpicos de 2000, mas que narra uma situação distinta com relação a 2004. Em ambas as edições, o ponteiro já era reconhecido como um dos grandes jogadores da história do vôlei brasileiro, sendo um dos responsáveis pela medalha de ouro conquistada em 1992. Mas, durante os quatro anos que antecederam os Jogos de Sidney-2000 ele esteve afastado do grupo, dedicando-se ao vôlei de praia. Analisando a rejeição do grupo, podemos encarar que, apesar de compartilharem um instante significativo de suas carreiras (a participação olímpica) e de reconhecer em Giovane um antecessor digno de respeito e admiração, ele não viveu a duração do ciclo olímpico juntamente àquele grupo e, por isso, não conseguiu se adaptar. Mesmo mais velho, a situação vivenciada por ele quatro anos depois, nos Jogos de Atenas-2004, foi diferente, pois Giovane havia participado de toda a duração do ciclo olímpico: atuou em outras competições, treinos e fez parte do dia-dia da equipe. A mudança de papel demonstra que a experiência adquirida ao longo dos tempos foi um

fator importante, mas não a única justificativa para que ele fizesse parte do grupo. Ao invés de ser visto como um intruso para o instante dos Jogos, o atleta foi parte de uma engrenagem construída ao longo de quatro anos – a duração de um ciclo olímpico.

É possível notar nas narrativas que alguns eventos específicos carregam um peso específico diferenciado para os atletas. São instantes significativos, pontos que muitas vezes marcam viradas e reviravoltas. Em alguns casos, esse instante significativo é uma competição, em outros, um dia específico de um treino, ou uma fala em especial de um membro de uma comissão técnica. Porém, o que percebemos ao entrevistar os atletas é que a construção de uma trajetória olímpica não é feita apenas destes momentos, mas muitas vezes está relacionada a tempos considerados ‘mortos’. Dias de treinamentos, viagens e momentos que não são necessariamente significativos se analisados isoladamente, mas que ganham grande importância analisados dentro de um contexto maior, da construção de um grupo que irá disputar uma competição. Assim sendo, podemos observar que no ciclo de Atenas-2004, Giovane viveu alguns instantes significativos, como a atuação destacada na Copa do Mundo de 2003, mas certamente sua aceitação e ligação com o grupo deu-se também pela convivência nos ‘instantes vazios’, definidos por Giovane como as palavras, gestos e até mesmo o fato de abanar um colega com a toalha. Esses tempos vazios, que formam a duração, muitas vezes aparecem de maneira dispersa e ocupam um espaço menor na fala dos atletas, pois não é simples identificá-los. Afinal, conforme aponta Bergson²⁰

Experimentamos uma incrível dificuldade em representar a duração na sua pureza original; e, sem dúvida, isto deve-se a que não duramos sozinhos: as coisas exteriores, parece, duram como nós, e o tempo, considerado sob este último ponto de vista, tem todo o aspecto de um meio homogêneo (p.76).

Giovane esteve em quatro edições olímpicas. Em duas delas, como expoente de uma geração anterior, mas apenas em uma sentiu que conseguiu cumprir o papel para o qual foi designado. Naquela em que vivenciou não apenas o instante olímpico, mas sim toda a duração de um ciclo.

O atleta e o instante significativo

A compreensão de que o tempo do treino não é homogêneo e que o ciclo olímpico é construído ao longo dos anos é algo que conseguimos compreender ao falar com os

atletas olímpicos. Dialogando com Tarde²¹ é possível considerar que o atleta treina motivado por um fato futuro: a participação em uma edição olímpica, a possibilidade de viver um momento especial que o leva a uma série de sacrifícios e restrições, vivenciados no tempo vazio – a rotina do dia-dia. Em depoimento ao documentário ‘Ippon, a história da superação olímpica de Rogério Sampaio’, o psicólogo Agostinho Feijó narra que três dias antes de embarcar para a disputa dos Jogos Olímpicos de Barcelona, o judoca Rogério Sampaio foi submetido a uma situação extrema. Durante uma hora e meia ele enfrentou sete atletas, que se revezaram no tatame, em um treino extremo. O restante dos atletas viajava Rogério e aplaudia os adversários, para colocar ainda mais pressão sobre o lutador que fazia os últimos ajustes para o torneio. Segundo Feijó, após o fim do treinamento Rogério começou a chorar: “Tinha um janelão na academia naquela época, eu vi que ele se debruçou. E eu fui chegar perto. Eu vi que ele tava chorando, cara. Rogério, tá tudo bem contigo? ‘Feijó, agora clareou, agora clareou tudo (comunicação pessoal)’”²².

A compreensão dos anos de treino, de todos os instantes “vazios” fez daquele um momento significativo para Rogério Sampaio: “Eu pensava muito, que eu treinei a vida inteira, 20 anos pra, pra ter essa oportunidade, de ser um atleta olímpico. Então a única coisa que eu pensava era isso ‘caramba, valeu a pena’”²³.

Durante toda a carreira, Rogério se dedicou a um tempo futuro: a participação olímpica e a busca pela medalha, conquistada em Barcelona, quando ele se tornou o segundo brasileiro campeão olímpico no judô. Na modalidade, todas as lutas ocorrem em um mesmo dia, certamente uma data significativa para o judoca. Ele admite que as lembranças daquele momento são difusas.

Eu atingi um nível de concentração naquele dia altíssimo, altíssimo. Tanto é que as pessoas falam assim: ‘puxa, como é que é estar no pódio?’ Eu não me lembro como é que é estar no pódio, eu sei que eu tava lá! Mas as sensações, as coisas, eu não me lembro, porque a adrenalina tava tão, tão alta, que só no dia seguinte depois, sozinho, no meu quarto de manhã é que eu acalmei, tomei um banho, tal, que aí, que aí eu fui, que foi cair a ficha (comunicação pessoal)²³.

Outro ponto de destaque na fala de Rogério é que, apesar de não conseguir descrever algumas sensações, ele tem ainda muito claro na mente quais foram as estratégias adotadas durante as lutas que realizou para chegar à medalha de ouro. É

interessante que, ao descrever a luta final, o judoca se apoia no recurso da gravação em vídeo, apesar de descrever com clareza que tinha uma tática definida: dosar o ritmo da luta dos três primeiros minutos e ser mais agressivo nos dois minutos finais.

Eu hoje eu vejo as lutas e, e eu consegui, o principal ponto na luta exatamente quando tinha assim três minutos, era exato! Tinha lá no placar faltando dois minutos e dois segundos pro final até um minuto e cinquenta e oito. Foi naqueles quatro segundos que foi o wa-zari, que foi o ponto principal (comunicação pessoal)²³.

Apesar de recorrer a recursos eletrônicos para falar sobre a luta, que foi sem dúvida um instante significativo da carreira, Rogério narra com clareza alguns bastidores do dia da medalha, que seguem vivos em sua memória. Estes momentos foram vivenciados ao lado dos também judocas Wagner Castropil e Aurélio Miguel, que também lutaram em Barcelona.

O Castropil tava louco! Ele pegava, tinha uns engradados assim que ficava no canto, pra aguardar água, assim, né, pra não ficar jogado, ele pegava aquilo e jogava no chão, pulava em cima. Pô, ele era médico, um cara equilibrado. Tanto é que o Aurélio pegou ele e mandou ele embora: vai embora, vai embora, vai embora. Ficou só eu, o Aurélio e os técnicos, depois os técnicos foram embora, ficou só eu e o Aurélio, depois o Aurélio foi embora, fiquei sozinho (comunicação pessoal)²³.

Podemos fazer uma leitura da fala de Rogério sob os parâmetros de Halbwachs²⁴. Apesar de ser um medalhista em uma modalidade individual, Rogério se recorda da conquista da medalha como membro de um grupo: o de judocas brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos, e que narra não apenas a sua trajetória, mas também o comportamento de companheiros que estiveram ao lado dele no dia mais significativo de sua trajetória esportiva. A memória é de um feito individual, mas dentro de um coletivo – para que ele chegasse ao pódio, uma série de pessoas foi mobilizada.

Considerações: os ciclos, os tempos mortos e os grupos

Ao procurarmos os atletas olímpicos e convidá-los a compartilharem conosco suas histórias de vida foi possível percebermos várias narrativas que ocorrem de maneira não linear. A medida do tempo, para grande parte dos atletas, não é apenas aquela do calendário, mas das diferentes edições dos Jogos. Não há dúvidas sobre a importância do

instante da participação olímpica, algo marcante e que passa a definir o sujeito para o restante da sua vida – atleta olímpico. As falas, porém, revelam o processo de construção de uma trajetória olímpica: momentos vividos em concentrações, competições menores, viagens e mesmo os treinos do cotidiano, que muitas vezes passam despercebidos dos expectadores, mas que são apontados por muitos como a base para que os objetivos sejam atingidos.

A construção da comunidade olímpica – não raro retratadas por atletas como uma família – ocorre não apenas no instante da competição, mas neste processo, que leva o atleta a competir. O processo vivenciado por Giovane com a seleção de vôlei durante o ciclo que culminou com a medalha nos Jogos Olímpicos de 2004 é um exemplo bastante claro disto – o ponteiro era um antecessor de prestígio para os demais jogadores, mas estava na equipe não apenas por isso, mas por reunir também méritos naquele momento. Antes disso, o grupo de atletas medalhista de ouro nos Jogos de Barcelona, em 1992, fez questão que o porta-bandeiras do Brasil na cerimônia de encerramento fosse Amauri, o jogador mais velho da equipe, e não Carlão, que ocupava o posto de capitão, o que também presume um perfil de liderança.

Já a narrativa de Rogério Sampaio, mesmo tendo destaque para alguns instantes significativos – o dia de disputas, o último treino no Brasil antes da viagem – mostra que há também uma duração em todo o processo. A medalha olímpica não foi construída apenas no dia das lutas, mas ao longo de anos de treinos. É interessante notar que as lembranças mais claras do judoca não são aquelas dos momentos no tatame, mas as vivenciadas juntamente aos amigos, nos momentos de bastidores. Pessoas que vivenciaram com ele boa parte daquele ciclo olímpico e que estavam ao lado dele momentos antes da entrada no tatame.

Não há dúvidas que a participação nos Jogos Olímpicos é um ponto importante marcado na trajetória dos atletas. Todavia, podemos destacar que a compreensão da magnitude deste momento passa por conhecermos não apenas os detalhes do dia de disputas, mas principalmente por saber o que o atleta vivenciou para chegar até lá. Como foram preenchidos estes tempos vazios, momentos que sozinhos não teriam significado, mas que somados ganham um novo contorno e significado.

Referências

- 1 Rubio K, Veloso RC. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Rev. USP*. 2025;122:49-62.
- 2 Rubio K, Veloso R, Leao L. Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. *Im@go A Journal of the Social Imaginary*. 2018;11:147-162.
- 3 Junior NF, Rubio K. Término, transição e vida pós-atleta entre corredoras olímpicas brasileiras. *Olimpianos-Journal of Olympic Studies*. 2017;1(2):187-209.
- 4 Almeida WD, Rubio K. Muito orgulho e sem rivalidade: atletas olímpicos brasileiros nascidos na Argentina. *TRAVESSIA-revista do migrante*. 2022;1(95):167-184.
- 5 Amato JF. Kairós: o momento da partida na história de vida de mulheres olímpicas brasileiras [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2018.
- 6 Fetter JCSS. Isso não é coisa de menina: a ausência de mulheres no cargo de treinadoras no voleibol de alto rendimento [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação; 2023.
- 7 Almeida WD. Brasileiros, por que não? trajetória e identidade dos migrantes internacionais no esporte olímpico do Brasil [tese]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte; 2020.
- 8 Tonon LMM. Olímpicos e paralímpicos: separados por um instante: retratos biográficos dos "instantes significativos" de atletas que transitaram entre os movimentos olímpico e paralímpico [tese]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte; 2022.
- 9 Zimmermann MA. O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2019.
- 10 Rubio K. Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos. São Paulo: Laços; 2014.
- 11 Rubio K. Narrativas biográficas: da busca à construção de um método. São Paulo: Laços; 2016.
- 12 Rubio K, Almeida WD. Narrativas biográficas, reflexões e aplicação. São Paulo: Laços; 2022.
- 13 Gonçalves CF, Oliveira JHC, Meihy, JCSB. Heróis e/ou vilões olímpicos: duas faces da mesma moeda. In: Rubio K. Narrativas biográficas: da busca à construção de um método. São Paulo: Laços; 2016. p.183-212.
- 14 Veyne P. Como se escreve a história. Brasília: Fundação Universidade Brasília, 1998
- 15 Rubio K. Antologia de textos olímpicos: sobre o esporte e seus protagonistas. São Paulo: Tato; 2024.
- 16 Geertz C. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.
- 17 Entrevista de Amauri Passos ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros.
- 18 Entrevista de Giovane Gávio ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros.
- 19 Ricouer P. Tempo e narrativa: o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes; 1984.
- 20 Bergson H. Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes; 2006.
- 21 Tarde G. Monadologia e sociologia e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Almeida WD. Atletas olímpicos, uma comunidade com seu próprio tempo. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2025;9:86-99.

22 Ippon, a história da superação olímpica de Rogério Sampaio. Direção Cavi Borges e Leonardo Mataruna. Produção: El Desierto Filmes, 2013. Duração 26:22.

23 Entrevista de Rogério Sampaio ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros.

24 Halbwachs M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Centauro; 2004.